

PERCEPÇÃO DISCENTE SOBRE METODOLOGIAS DE ENSINO NA GRADUAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS DO ESTADO DA UFMG (2009-2013)

STUDENT PERCEPTION ON TEACHING METHODS AT GRADUATION COURSE CIÊNCIAS DO ESTADO OF THE UFMG (2009-2013)

Thelma Yanagisawa Shimomura¹

Maria Tereza Fonseca Dias²

RESUMO

O Curso de Ciências do Estado resultou da adesão da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais ao Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Criado em 2009, tem como objetivo a formação de profissionais com conhecimento amplo do funcionamento da estrutura estatal como também capacidade para liderar e planejar políticas públicas com visão humanística. Em seu Projeto Pedagógico de Curso adotou o seminário como metodologia de ensino/aprendizagem, com a finalidade de estimular o diálogo crítico e a produção do conhecimento de forma cooperativa entre estudantes e professores. O presente trabalho analisou a preferência dos discentes sobre a utilização de várias metodologias de ensino/aprendizagem no curso de Ciências de Estado. Foi realizada pesquisa bibliográfica e participante, além da aplicação de questionário aos discentes. Na análise das respostas do questionário foi possível perceber que na visão dos alunos entrevistados, especificamente quanto a metodologia de seminário, esta não foi a metodologia mais apreciada, por muitas vezes não ser aplicada como metodologia de ensino, e sim como método avaliativo. Mesmo assim, esta metodologia foi considerada importante para desenvolver as habilidades necessárias para a formação do cientista do estado.

PALAVRAS-CHAVE: Ciências do Estado; Seminário de Capacitação; Metodologias de ensino/aprendizagem; Ensino Superior.

¹ Bacharel em Ciências do Estado pela UFMG.

² Professora da Faculdade de Direito e Ciências do Estado da UFMG.

ABSTRACT

The *Ciências do Estado* Course resulted from the joined of the Law School of the Federal University of Minas Gerais to the Program of Support Plan for Restructuring and Expansion of Federal Universities (REUNI). Created in 2009, aims to train professionals with extensive knowledge of the functioning of the State structure as well as the ability to lead and plan public policies with humanistic vision. In its Education Programme Course adopted the seminar as a teaching/learning methodology, with the purpose to stimulate critical dialogue and knowledge production cooperatively between students and teachers. This study analyzed the preference of students on the use of several methods of teaching/learning in the *Ciências do Estado* Course. It was carried out bibliographic and participants search, besides the application of a questionnaire to students. In the analysis of survey responses it was observed that in view of the interviewed students, specifically as the seminar methodology, this was not the most appreciated methodology, for often not be applied as a teaching methodology, but as evaluative method. Nevertheless, this methodology was considered important to develop the skills necessary for the formation of the scientist's State.

KEYWORDS: *Ciências do Estado* Course; seminar; teaching/learning methodology; higher education

1 INTRODUÇÃO

Os dados levantados para o presente artigo foram obtidos para a pesquisa 'Metodologias de Ensino para o curso de Ciências do Estado' que teve a orientação da Professora Doutora Maria Tereza Dias Fonseca e foi financiada pela FAPEMIG (2012). Resulta também desta pesquisa, a monografia de conclusão de curso intitulada 'Análise do seminário como metodologia de ensino/aprendizagem na graduação do curso de Ciências do Estado da Faculdade de Direito da UFMG', orientada pela mesma docente, em

2013. Neste artigo, buscou-se analisar, pela perspectiva discente, como a metodologia de seminário foi utilizada no curso de Ciências do Estado (CE) da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (FDUFMG), desde o início do curso (2009) até 2013.

O Curso de Ciências do Estado (CE) resultou da adesão da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais ao Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Criado em 2009, tem como objetivo a formação de profissionais com conhecimento amplo do funcionamento da estrutura estatal como também capacidade para liderar e planejar políticas públicas com uma visão humanística (UFMG, 2013). Trata-se de iniciativa pioneira de curso realizado em Faculdade de Direito, pois não há no país nenhuma outra graduação em Ciências do Estado.

No Projeto Pedagógico do Curso (PPC) houve a previsão que a matriz curricular seria de natureza interdisciplinar e que o seminário seria utilizado como atividade acadêmica fundamental. Ressalta-se que a escolha do seminário como metodologia de ensino/aprendizagem em um curso de graduação é incomum nas instituições de Ensino Superior. A justificativa desta escolha, segundo o PPC, seria pelo fato desta metodologia estimular a construção de uma cultura de cooperação entre docentes e discentes, concomitante a efetiva atuação dos alunos no seu processo de formação, com a orientação cotidiana dos professores. Além dos seminários, outras metodologias são aplicadas no curso como as aulas expositivas, apresentação de trabalhos, etc. Anualmente são ofertadas 50 vagas discentes para o curso de Ciências do Estado, através de concurso vestibular da UFMG, hoje vinculada ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A duração é de 8 períodos, sendo que o Ciclo Básico se refere ao 1º até o 4º período e a partir do 5º período o aluno deve escolher entre dois possíveis percursos: Estado Democrático e Contemporaneidade ou Democracia e Governança Social. (UFMG, 2015).

Foi realizada pesquisa bibliográfica e participante, além da aplicação de questionário aos discentes. Na pesquisa de campo, realizou-se estudo observacional analítico na disciplina 'Seminário de Capacitação' no ano de 2013, além da própria experiência de uma das autoras no curso desta disciplina no ano de 2010, conforme dados e infor-

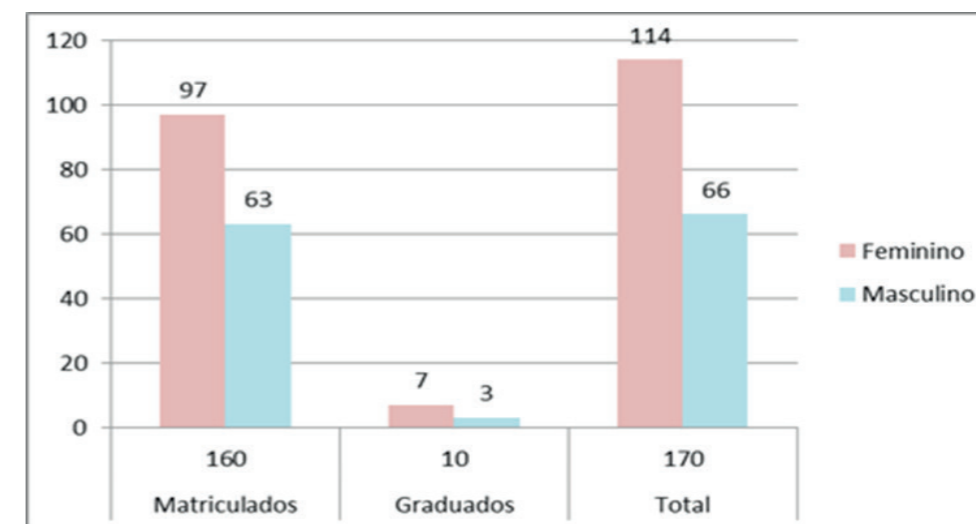
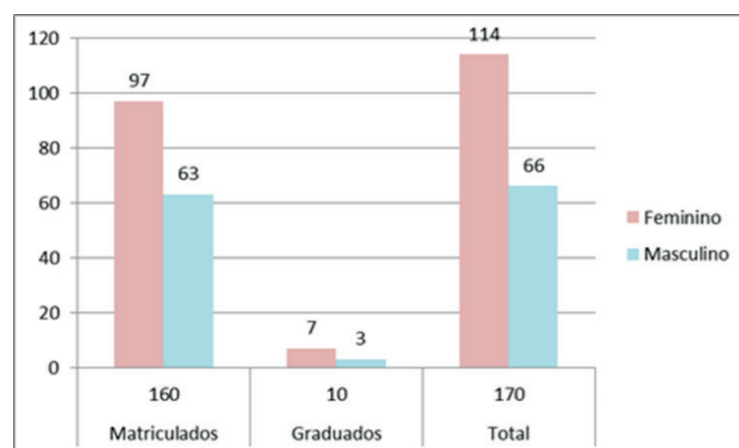
mações que serão apresentadas adiante.

Até o presente momento, há poucos trabalhos acadêmicos que abordam o curso de Ciências do Estado ou seus integrantes como objeto de estudo. E, apesar da metodologia de Seminário ser utilizada desde o Século XIX, como será visto a seguir, são raros os trabalhos científicos que analisam como esta é utilizada na graduação. Por isso, esse trabalho faz-se necessário para o levantamento de dados e análise do curso de CE e da utilização da metodologia de ensino seminário.

2 MATRÍCULA E PERFIL DOS DISCENTES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO ESTADO

Segundo dados obtidos através do Departamento de Registro e Controle Acadêmico (DRCA), no segundo semestre de 2013, 160 alunos estavam matriculados no curso de Ciências do Estado da Faculdade de Direito da UFMG.

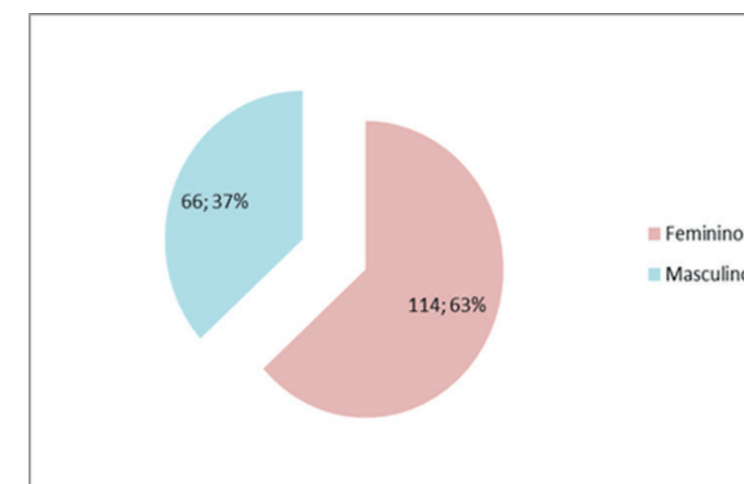
Gráfico 1: Número de alunos e gênero



Fonte: Dados obtidos pelo DRCA/UFMG (2013).

Os alunos regularmente matriculados e os que já haviam completado a graduação continham a seguinte composição: 160 matriculados e 10 graduados, totalizando 170 pessoas. Foram excluídos os alunos que estavam afastados do curso, seja porque haviam trancado a matrícula, abandonado o curso ou estavam em intercâmbio.

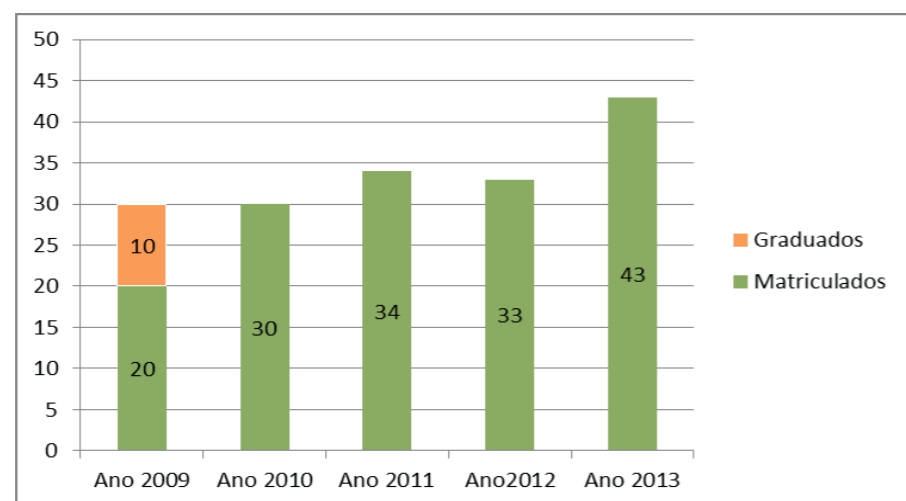
Gráfico 2: Gênero



Fonte: Dados obtidos pelo DRCA/UFMG (2013).

Quanto ao gênero, das 170 pessoas, 63% declaram ser do sexo feminino e 37% masculino.

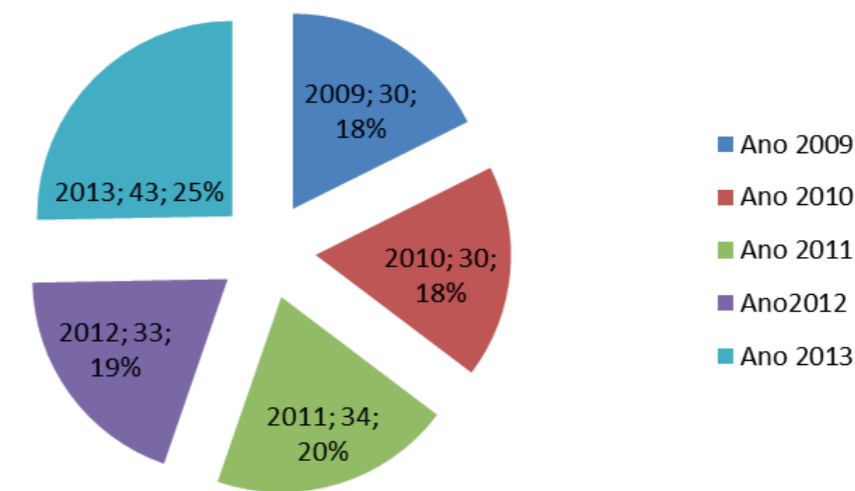
Gráfico 3: Ano que iniciou a graduação



Fonte: Dados obtidos pelo DRCA/UFMG (2013).

A primeira turma formada em Ciências do Estado iniciou a graduação em 2009. Nesta turma, 10 concluíram o curso e 20 continuavam matriculados, desenvolvendo algum tipo de atividade discente, no segundo semestre de 2013. Já a 2ª turma contava com 30 matriculados, enquanto a 3ª turma tinha 34 alunos, a 4ª turma 33 alunos e por fim, a última e 5ª turma possuía 43 alunos matriculados.

Gráfico 4: Alunos e ano de matrícula



Fonte: Dados obtidos pelo DRCA/UFMG (2013).

Dos 170 alunos, 18% dos alunos matriculados eram da 1ª turma - 2009, 18% eram da 2ª turma - 2010, 20% da 3ª turma - 2011, 19% da 4ª turma - 2012 e 43% da 5ª turma - 2013.

3 PERCEPÇÃO DISCENTE SOBRE O CURSO DE CIÊNCIAS DO ESTADO DA UFMG

No mês de outubro de 2013, foi aplicado questionário para todos os alunos do curso, notadamente os que cursaram a disciplina, Seminários de Capacitação, metodologia que será objeto de aprofundamento neste trabalho.

O Centro Acadêmico de Ciências do Estado – Gestão Práxis, colaborou com a elaboração e aplicação do questionário que buscou levantar dados sobre o perfil discente de CE e informações sobre o que os alunos esperavam da formação acadêmica, enfocando o perfil profissional, metodologia de ensino e grade curricular.

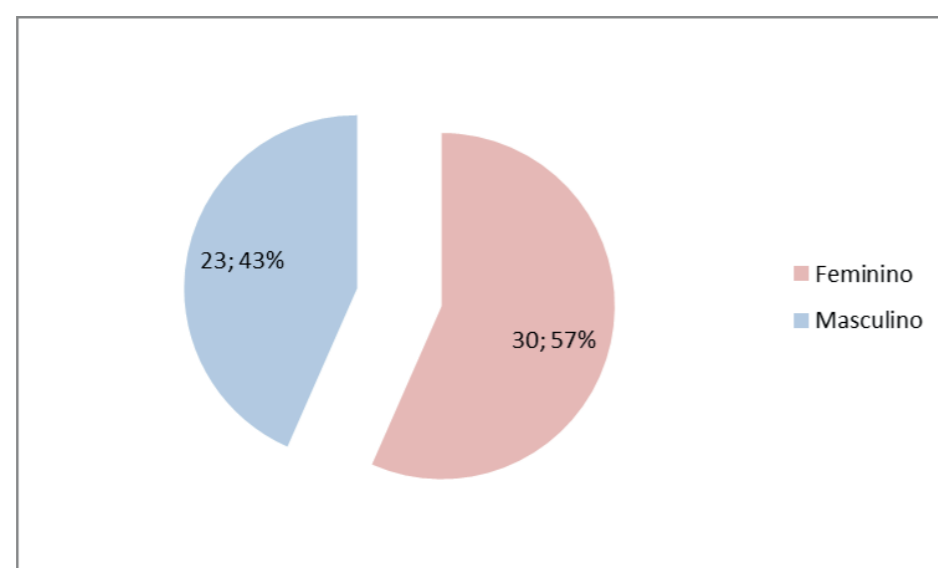
Inicialmente, foi efetuado o pré-teste do questionário, para verificar se as perguntas es-

tavam claras e se havia necessidade de reformulação. Cinco pessoas responderam o questionário e foram feitas algumas mudanças. Em seguida, o questionário já corrigido foi disponibilizado de forma virtual no grupo fechado do *facebook* do Curso de Ciências do Estado e questionários impressos ficaram disponíveis na sala do Centro Acadêmico de Ciências do Estado (CACE). O preenchimento do questionário foi espontâneo e 53 pessoas (31,2%) o responderam. A seguir, apresentam-se as análises feitas a partir da amostra dos questionários.

3.1 Gênero

Dos que responderam o questionário, 43% eram do sexo masculino e 57% do sexo feminino.

Gráfico 5: Gênero

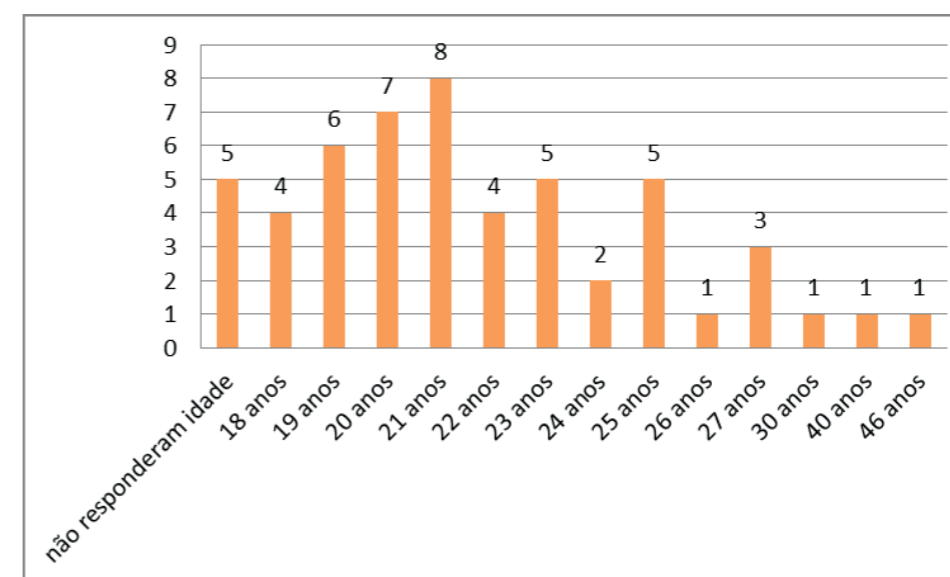


Fonte: Questionário CACE (2013).

3.2 Idade

A variação de idade foi de 18 a 46 anos. A média de idade foi de 22,7 anos. 5 pessoas não responderam que idade tinham. Não foi possível obter a informação da idade dos alunos pelo DRCA. Os respondentes, conforme dados coletados, são jovens adultos em fase de desenvolvimento de estudos universitários.

Gráfico 6: Idade



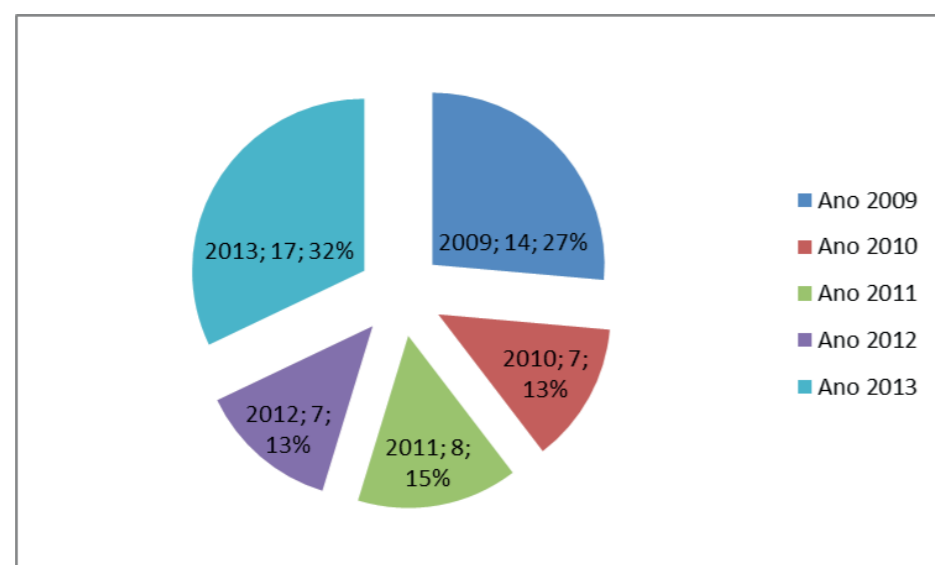
Fonte: Questionário CACE (2013).

3.3 Resposta por turma

Dos 53 questionários respondidos, 27% foram de alunos matriculados no ano de 2009 (1ª turma), 13% matriculados no ano de 2010 (2ª turma), 15% matriculados no ano de 2011 (3ª turma), 13% matriculados no ano de 2012 (4ª turma) e 32% matriculados no ano de 2013 (5ª turma). Desta forma, a primeira turma (2009) e a última (2013) foram as

mais participativas no número de pessoas que responderam o questionário.

Gráfico 7: Respostas por turma

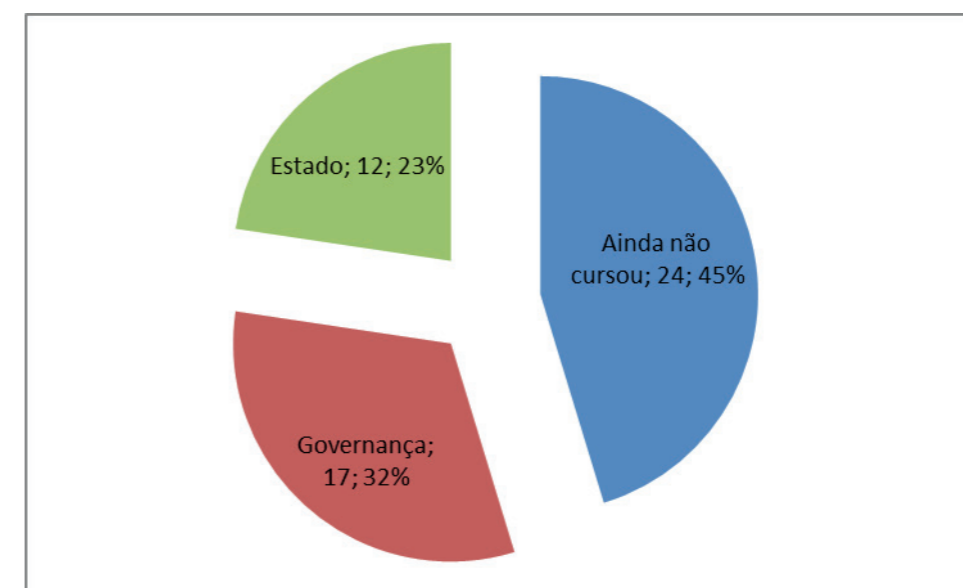


Fonte: Questionário CACE (2013).

3.4 Percurso

Das 53 pessoas que responderam o questionário, 45% ainda não escolheram o percurso, 32% eram do percurso de Democracia e Governança Social e, 23% de Estado Democrático e Contemporaneidade. Este dado reflete que a maioria das respostas foram de alunos que estavam no 5º período adiante.

Gráfico 8: Respostas por percurso



Fonte: Questionário CACE (2013).

3.5 Perfil do egresso

No mesmo questionário, pediu-se que os alunos marcassem quais habilidades julgavam importantes que o aluno desenvolvesse ao longo de sua formação para exercer a profissão de Cientista do Estado.

Tabela 1: Habilidades importantes esperadas na formação do Cientista do Estado

1- Formação de cunho humanístico, interdisciplinar e crítico	50
2- Consciência de valores éticos e políticos	44
3- Atitude de compreensão dos fatos sociais, dos contextos e das conjunturas	48
4- Preparação política	43
5- Preparação técnica	31
6- Capacidade de comunicação com profissionais de outras áreas e movimentos sociais	34
7- Criatividade na busca de alternativas para situações problemáticas	41

8- Domínio das mais modernas tecnologias de informação e de comunicação	10
9- Compreensão do carácter interdisciplinar e/ou transdisciplinar	32
10- Capacidade de dar encaminhamento prático para problemas técnicos	33
11- Habilidade para realizar investigações científicas	35
12- Disposição para capacitação e qualificação continuada	23
13- Domínio de Língua Estrangeira	13
14- Compreensão dos meios de participação popular direta/indireta na Administração Pública	46

Fonte: Questionário CACE (2013).

Dentre as habilidades consideradas importantes que o Cientista do Estado desenvolva durante a graduação, os alunos consideraram mais relevantes: a formação de cunho humanístico, interdisciplinar e crítico; atitude de compreensão dos fatos sociais, dos contextos e das conjunturas; capacidade de dar encaminhamento prático para problemas técnicos; compreensão dos meios de participação popular direta/indireta na administração pública; consciência de valores éticos e políticos; preparação política e criatividade na busca de alternativas para situações problemáticas.

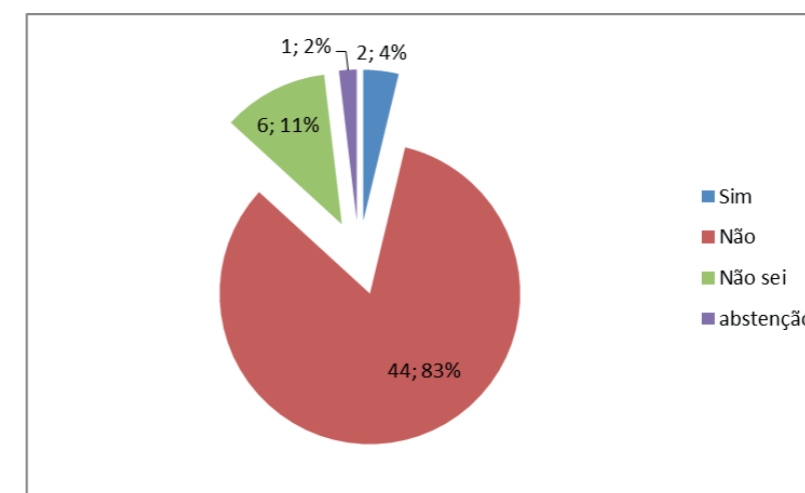
Gradativamente, também habilidade para realizar investigações científicas; capacidade de comunicação com profissionais de outras áreas e movimentos sociais; preparação técnica; compreensão do carácter interdisciplinar e/ou transdisciplinar e disposição para capacitação e qualificação continuada.

Não consideraram tão importante desenvolver o domínio de língua estrangeira; domínio das mais modernas tecnologias de informação e de comunicação e outra habilidade.

3.6 Estrutura curricular

Quanto a Estrutura Curricular, perguntou-se aos alunos se eles achavam que era adequada e suficiente.

Gráfico 9: Estrutura Curricular suficiente e adequada



Fonte: Questionário CACE (2013).

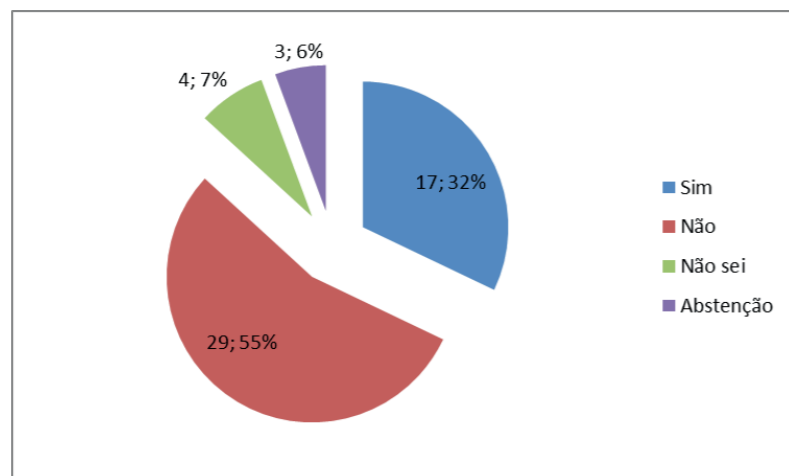
83% achavam que a estrutura curricular era inadequada e insuficiente. 11% disseram não saber se a grade curricular era adequada e suficiente. Apenas 4% disseram que a grade curricular era adequada e suficiente e 1% não respondeu a questão.

3.7 Divisão em percursos

Como já explicitado anteriormente, a partir do 5º período, os discentes escolhem o percurso, Estado Democrático e Contemporaneidade ou Democracia e Governança Social. A turma é dividida no 5º período e cada percurso irá abordar disciplinas relacionadas com o tema do Estado ou Governança Social.

55% responderam que não são favoráveis a divisão do curso de CE em percursos, 32% concordam com a divisão do curso em percursos, 7% não souberam responder e 6% não responderam.

Gráfico 10: Alunos que concordam com a divisão em percurso



Fonte: Questionário CACE (2013).

4 METODOLOGIAS DE ENSINO/APRENDIZAGEM UTILIZADAS EM SALA DE AULA

No mesmo questionário aplicado, foram colocadas questões acerca das metodologias de ensino/aprendizagem utilizadas em sala de aula, cujos dados serão analisados a seguir:

Tabela 2: Metodologias de ensino-aprendizagem utilizadas pelos professores de CE em sala de aula

1- Aula expositiva	50
2- Aula dialogada	43
3- Estudo em seminário	44
4- Apresentação de trabalho	43
5- Leitura e discussão de textos	48
6- Estudo de Problemas/Casos (Aprendizado Baseado em Problemas)	28
7- Trabalho em grupo	42
8- Debates	52

9- Resolução e discussão de exercícios	43
10- Atividades práticas simuladas	10
11- Leitura de apostilas	10
12- Leitura de legislação	21

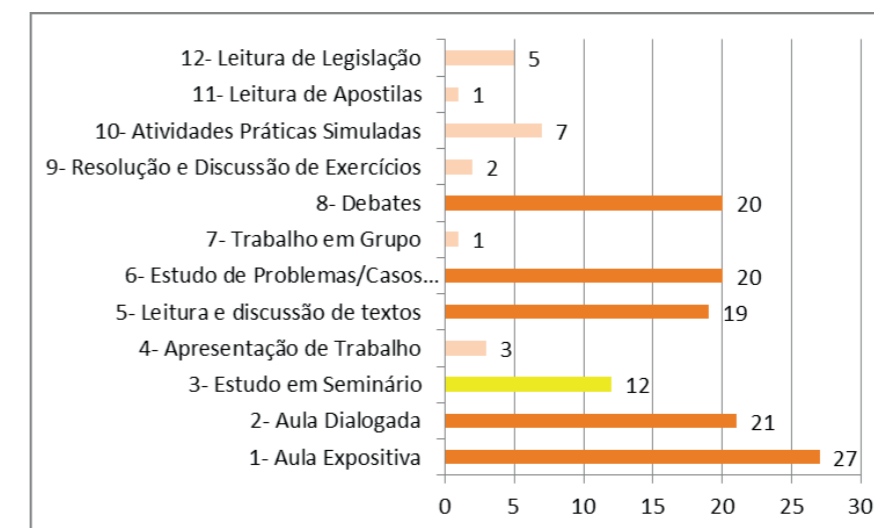
Fonte: Questionário CACE (2013).

As metodologias de ensino que os alunos indicaram serem as mais utilizadas foram: Debates, Aula Expositiva, Leitura e discussão de textos, Estudo em Seminário, Aula Dialogada, Apresentação de Trabalho, Resolução e Discussão de Exercícios, Atividades Práticas Simuladas, Trabalho em Grupo, Estudo de Problemas/Casos (Aprendizado Baseado em Problemas), Leitura de Legislação, Atividades Práticas Simuladas e Leitura de Apostilas.

4.1 Metodologia preferida

Dentro das metodologias de ensino listadas acima, pedimos para que os alunos indicassem quais gostavam mais, podendo marcar até três delas.

Gráfico 11: Metodologias de ensino-aprendizagem preferida pelos discentes



Fonte: Questionário CACE (2013)

Em ordem de preferência, a metodologia que os alunos apontaram mais gostar foi a Aula Expositiva, seguido pela Aula Dialogada, Debates, Estudo de Problemas/Casos (Aprendizado Baseado em Problemas), Leitura e discussão de textos e Estudo em Seminário.

As metodologias menos indicadas foram Atividades Práticas Simuladas, Leitura de Legislação, Apresentação de Trabalho, Resolução e Discussão de Exercícios, Trabalho em Grupo e Leitura de Apostilas.

Nota-se a preferência pela aula expositiva, porém as outras metodologias que se destacaram foram de metodologia ativa: Aula Dialogada, Debates, Estudo de Problemas/Casos (Aprendizado Baseado em Problemas), Leitura e discussão de textos e Estudo em Seminário. Dessa forma, infere-se que os alunos de CE que responderam o questionário não dispensaram o aprendizado pela via tradicional, mas também tem abertura para metodologias ativas de ensino-aprendizagem. Vale ressaltar que as metodologias ativas não dispensam a aula expositiva tradicional, mesmo que esta receba novas roupagens, como as aulas-palestras que abarcam um maior número de alunos ou as videoaulas. Portanto, não há incongruência entre a metodologia tradicional e as metodologias ativas.

4.2 Metodologia que não gostam

Da mesma forma que na questão anterior, solicitou-se aos alunos que indicassem até três metodologias de ensino que eles não gostavam.

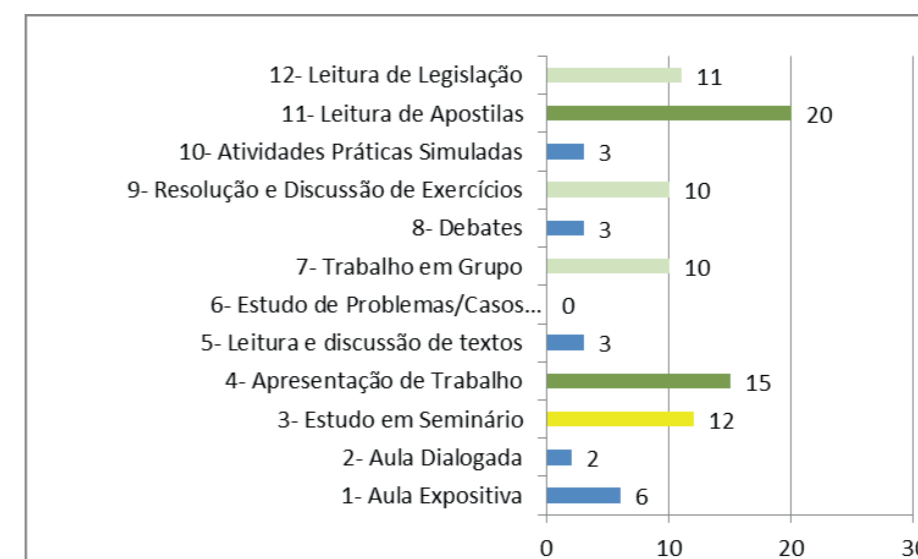
Em ordem de preferência, a metodologia que os alunos apontaram não gostar foram: Leitura de Apostilas, Apresentação de Trabalho, Estudo em Seminário, Leitura de Legislação, Resolução e Discussão de Exercícios e Trabalho em Grupo.

Apenas seis pessoas disseram não gostar de Aula Expositiva, três pessoas apontaram não gostar de Atividades Práticas Simuladas, de Debates e de Leitura e discussão de textos, duas pessoas apontaram não gostar de Aula Dialogada e nenhuma

disse não gostar de Estudo de Problemas/Casos (Aprendizado Baseado em Problemas).

Vê-se coerência entre as respostas das metodologias preferidas e das que os alunos não gostavam. A Leitura de Apostila e Leitura de Legislação são as metodologias que os alunos dizem menos gostar e segundo o gráfico 10, foram pouco utilizadas em sala de aula. Destaca-se que 12 alunos apontaram a metodologia de Estudo em Seminário como favorita (gráfico 11) e o mesmo número de alunos disseram que esta era a metodologia que menos gostavam (gráfico 12). Segundo o gráfico 10, a Apresentação de Trabalho e Estudo em Seminário eram bastante utilizadas, mas há rejeição destas metodologias, que será melhor analisada em item posterior.

Gráfico 12: Metodologias de ensino-aprendizagem que os discentes não gostam



Fonte: Questionário CACE (2013).

4.3 Metodologia "seminário"

O termo seminário pode ser concebido em dois sentidos: a) amplo, como congresso científico, cultural ou tecnológico, visando estudar um tema ou questões de uma

determinada área; e, b) estrito, como técnica de ensino socializado, sob um enfoque didático, que requer a participação de todos os integrantes (VEIGA, 2006).

Neste trabalho iremos abordar o seminário no sentido estrito, como técnica didática de ensino/ aprendizagem.

O termo seminário deriva do latim *seminarium* que significa viveiro de plantas. Disseminou-se no Século XVII para designar, em geral, a instituição destinada a formar ministros do culto, tanto os sacerdotes católicos quanto os pastores protestantes. Ao mesmo tempo, surgia na Alemanha uma instituição denominada também de *seminar*, mas cuja finalidade era a formação dos quadros docentes. Apesar de ser utilizado, principalmente, para a formação de estudantes universitários pós-graduados, o seminário chegou no Século XIX a ser, nas universidades alemãs, o principal meio de preparação da elite universitária, especialmente em matérias clássicas. Reunidos em volta de uma mesa presidida pelo professor, os estudantes liam e comentavam textos escolhidos, e assim iam surgindo divergências de interpretação desses textos, bem como opiniões e réplicas (ZANON; ALTHAUS, 2010).

A utilização do seminário nas aulas tem o objetivo de investigar um problema, analisar criticamente o tema ou ideias dos autores estudados e propor alternativas para resolver as questões levantadas (SEVERINO, 2013). Por depender da interação dos alunos e do professor, alguns problemas podem ocorrer, como a substituição do monólogo do professor pelo monólogo do aluno, uma extrema divisão do trabalho “em partes”, a ausência de interação ou que a apresentação detenha-se em superficialidades (não-problematização do assunto). Por isso, o papel do professor universitário no uso desta metodologia é importante, pois cabe a este explicitar aos acadêmicos os objetivos a serem alcançados, sugerindo temas e assessorando-lhes, numa perspectiva de mediação docente (ZANON; ALTHAUS, 2010). Além disto, compete ao professor recomendar bibliografia mínima e complementarmente, discutir critérios avaliativos em pautas próprias de registro e acompanhamento. E aos alunos compete investigar os temas, estudando-os com profundidade, desenvolvendo assim o processo investigativo. Também lhes cabe organizar questões críticas visando levantar discussões em sala de aula, para que os demais alunos possam argumentar, contra argumentar, bem como encaminhar conclusões. Desta forma, o seminário possibilita que o aluno realize transformações de ordem conceitual (coleta, seleção, organização, relação e registro de informações), bem como

de ordem procedimental (fazendo leituras, pesquisa, expressando-se oralmente) e favorece as transformações de ordem atitudinal (desenvolvimento do sentido de cooperação e autoconfiança) (VEIGA, 2006).

No curso de CE, a metodologia de Seminário é ensinada na disciplina Seminário de Capacitação (1º período – 120 horas) e depois é utilizada como metodologia de ensino/aprendizagem obrigatória por todas as outras disciplinas ao longo do curso. Estão excluídas da obrigatoriedade as disciplinas oferecidas por outras faculdades, como é o caso de ‘Modernidade e Sociedade’, oferecido pela Faculdade de Filosofia, Ciências Sociais e História (FAFICH) e ‘História da Economia’, oferecido pela Faculdade de Economia. É esperado que o aluno desenvolva papel ativo, ou seja, busque embasamento em amplo espectro de fontes de conhecimento, modificando o papel do professor como centralizador do conhecimento. Desta forma, tornar-se-ia protagonista da construção do seu próprio aprendizado, uma vez que sairia da posição passiva de receptor do conhecimento das aulas expositivas tradicionais para ser orientado pelo professor e/ou estagiário docente.

Ao longo dos cinco anos do curso de CE, a disciplina de Seminário de Capacitação despertou discussões acaloradas entre os alunos, seja em relação ao tempo dispendido (120 horas em 1 semestre), conteúdo, metodologia e período em que é ofertado. Houve mudanças ano a ano no que se refere ao seu conteúdo. Percebe-se que coube ao professor responsável e estagiários docentes escolherem como essa disciplina seria ministrada.

4.4 Sobre a metodologia de seminário

Duas perguntas abertas foram feitas no questionário já estudado. A primeira referente ao que seria a metodologia de Seminário e, a segunda, se na opinião do discente, o Seminário seria uma metodologia de ensino adequada para a formação do Cientista do Estado e por quê?

Surpreendentemente, as 39 pessoas que responderam esta questão, descreveram o Seminário de forma similar ao conceito abordado neste artigo. Ou seja, nenhuma pessoa deu resposta extremamente diferente do conceito acadêmico. 14 não responderam esta questão.

Segundo um dos alunos:

“Seminário é um método de ensino que, em geral, consiste na apresentação de determinado tema por uma pessoa ou grupo que o domina ou que o estudou, para outras pessoas que também o conhecem. Durante sua realização todos os participantes devem contribuir para a discussão a fim de se explorar ao máximo o tema e expor diferentes perspectivas. Para potencializar seus feitos como estudo é recomendável que se faça a relatoria do seminário, coletando os pontos principais”.

Algumas respostas, juntamente a descrição do conceito de seminário, faziam críticas a aplicação desta, como deste outro aluno:

“Deveriam ser aulas baseadas em um modelo de debate de ideias, uma aula participativa, o que de fato contribui muito para o aprendizado. Porém o que temos hoje é uma aula muito bagunçada, o Professor que dá uma aula de seminário deveria colocar os tópicos da aula no quadro, apresentar os fatos, e gerar uma instigação por parte dos alunos, de maneira que isso despertasse o interesse dos mesmos em participar. Mas não é o que ocorre”.

Já, referente à segunda pergunta, cinco pessoas responderam que a metodologia de seminário não seria adequada ao curso de CE, 49 pessoas disseram que é adequada e 9 não responderam.

Porém, das 49 pessoas que acreditam que a metodologia de seminário é adequada ao curso de CE, 29 criticam a forma que ela é aplicada no curso.

“Eu creio que sim, pois é uma modalidade que de certo modo, inibe o aluno que não acompanha a leitura dos textos, pois se assim não o fizer, nos debates em sala de aula ele se encontrará totalmente alheio aos assuntos tratados. Como ponto forte também posso dizer que os debates ou discussões sobre os textos e temas tratados, sem-

pre irão nos ajudar em questões como falar em público de uma forma coerente, expor suas percepções de forma clara, receber a crítica ou elogio dos outros e saber lidar com isso, responder, replicar, treplicar, toda essa questão da fala mais também do conteúdo que se quer apresentar durante os seminários.”

Resposta de um aluno que considera a metodologia adequada.

“O seminário é uma boa metodologia quando bem implementado. Infelizmente, não é isso o que acontece no primeiro ano do curso de Ciências do Estado, onde os professores ministram mini aulas expositivas e dão o nome de seminário”.

Resposta de um aluno que considera a metodologia adequada, mas tem críticas quanto à aplicação da metodologia.

“Não. Agrega pouco conhecimento. Apenas o grupo responsável se prepara. Vira uma apresentação de trabalho”. Resposta de um aluno que considera a metodologia de seminário inadequada.

O que poderia melhorar?

Uma última questão aberta foi sobre os pontos que poderiam melhorar no curso. Dentre as respostas, os assuntos que apareceram mais vezes foram a interdisciplinaridade, a divisão em percursos e a disciplina de Seminários de Capacitação.

45% dos alunos responderam que é necessário melhorar a interdisciplinaridade, apontada como elemento essencial na formação do cientista do estado (gráfico 4), mas ainda não consolidada na matriz curricular do curso. 35% disseram que seria necessário acabar com a divisão em percursos e 18% apontam que a disciplina de Seminários de Capacitação deveria acabar ou ser reformulada.

4.5 Percepção discente dos “Seminários de Capacitação” do curso de CE

Segundo análise das respostas abertas do questionário e a própria experiência

de uma das autoras, foi possível aferir que no primeiro e segundo ano de funcionamento do curso de CE (2009 – 2010), a disciplina 'Seminários de Capacitação' não tinha linha temática definida. Na primeira aula, houve a explanação do conceito e da forma que o seminário seria utilizado como metodologia de ensino e, posteriormente, foram feitas palestras com professores diferentes que abordaram temas relacionados ao curso, mas sem uma sequência lógica entre os temas. Aos alunos, era solicitado que se preparassem para um debate em sala de aula com referências bibliográficas indicadas por esses professores, como também buscassem materiais complementares. Cabia ao estagiário docente conduzir o debate. Então, a cada semana havia uma palestra com um professor convidado e nos dias subsequentes, debates em sala de aula utilizando-se da metodologia do seminário. O tema do debate era o mesmo que o professor havia ministrado na palestra, mas sem a presença deste, salvo raras exceções.

No ano de 2012, houve a ampliação do número de estagiários docentes para esta disciplina, ou seja, de um para três. Desta forma, eram 3 estagiários docentes para 50 alunos, acarretando melhora estrutural.

Já em 2013, percebeu-se grande avanço no que diz respeito ao planejamento das aulas e divisão das palestras em assuntos temáticos. Três estagiários discentes acompanharam a turma e além de aula expositiva e prática sobre a metodologia de seminário, houve também aulas de metodologias de pesquisa, aplicação das normas da ABNT em trabalhos escritos, estudo dirigido, temas problemas, trabalho em grupo e apresentação oral.

5 CONCLUSÃO

Este artigo é uma breve análise do curso de Ciências do Estado, seu perfil discente e a utilização da metodologia de seminário como ferramenta de ensino/aprendizagem. Apesar do pouco tempo de existência, nota-se que desde a criação desta graduação houve uma preocupação com aspectos inovadores, tanto na construção da grade curricular, quanto no uso de metodologias de ensino-aprendizagem.

Na visão dos alunos entrevistados, algumas reformulações poderiam ajudar a melhorar o curso, como uma maior utilização de interdisciplinaridade, acabar com a divisão em percursos e acabar ou reformular a disciplina de Seminários de Capacitação.

Especificamente, quanto a metodologia de Seminário, esta não foi a metodologia mais apreciada pelos alunos (gráficos 11 e 12), por muitas vezes ser utilizada como metodologia avaliativa ao invés de metodologia de ensino/aprendizagem. Porém, os alunos entrevistados veem como uma metodologia importante para desenvolver as habilidades necessárias a um cientista do estado.

Ressalta-se que ao longo deste período (2009-2013) várias foram as melhoras realizadas no curso. Percebeu-se um grande avanço na disciplina 'Seminários de Capacitação' no que diz respeito ao seu planejamento e a divisão das palestras em assuntos temáticos. Introduzindo aulas expositivas e práticas sobre metodologias de pesquisa, aplicação das normas da ABNT em trabalhos escritos, estudo dirigido, temas problemas, trabalho em grupo e apresentação oral.

Por fim, por ter-se abordado um pequeno percentual dos alunos ativos no curso de CE, percebe-se a necessidade de uma pesquisa mais ampla, envolvendo também os docentes do curso, assim como uma possível aplicação deste mesmo questionário nos próximos anos, a fim de acompanhar possíveis mudanças do perfil e demandas pedagógicas do curso. Estes questionários podem ajudar o Núcleo Docente Estruturante numa possível reformulação da grade curricular do curso, com intuito de melhorar a formação acadêmica do futuro cientista do estado.

6 REFERÊNCIAS

ALTHAUS, M. T. M. O Seminário como estratégia de ensino na Pós-Graduação: Concepções e Práticas. **X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e o I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE**. PUCPR, Curitiba. 07 a 10 de novembro de 2011.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2013.

UFMG. Faculdade de Direito. Graduação. Ciências do Estado. O Curso. Disponível em: <http://www.direito.ufmg.br/index.php?option=com_content&view=article&id=187&Itemid=123>. Acesso em: 28 nov 2013.

UFMG. Faculdade de Direito. Graduação. Ciências do Estado. Estrutura. Projeto Pedagógico 2012. Disponível em: <http://www.direito.ufmg.br/images/stories/colgradce/estrutura/PPC_nov__2012.pdf>. Acesso em: 3 out 2015.

VEIGA, I. P. A. **Lições de didática**. Campinas (SP): Papirus, 2006.

ZANON, D. P., ALTHAUS, M. T. M. Possibilidades didáticas do trabalho com o seminário na aula universitária. **VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sul** – ANPED-SUL, Londrina, 2010.